

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Qual o potencial econômico da América Latina? [What is the economic potential of Latin America]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bianchi, Ana Maria
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-09 17:56:44
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162101

Qual o potencial econômico da América Latina? O pensamento de Albert Hirschman

ENTREVISTA COM ANA MARIA BIANCHI

IHU On-Line - Em que consistiu o trabalho de Hirschman sobre o desenvolvimento econômico na América Latina?

Ana Maria Bianchi - Albert Hirschman¹ é um dos pioneiros no campo da teoria do desenvolvimento. Começou a escrever sobre o assunto ainda durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto estava profissionalmente envolvido no programa de assistência aos países europeus devastados pela guerra. A principal novidade de sua abordagem é que ela define desenvolvimento como uma cadeia de desequilíbrios. Em sua concepção, a principal fonte de desenvolvimento seria dada por atividades com alto potencial de gerar encadeamentos (*linkages*), sobretudo no sentido enviar estímulos para setores que forneciam os insumos requeridos por uma atividade qualquer.

IHU On-Line - Como ele percebe os países latino-americanos?

Ana Maria Bianchi - Depois dessa experiência com o plano de reconstrução européia, Hirschman veio morar

¹ Albert Hirschman (1915): economista alemão. Nasceu em Berlim e viveu nos Estados Unidos desde 1940. Lecionou em algumas das maiores instituições universitárias americanas, de Yale à Columbia University, de Harvard ao Institute for Advanced Studies de Princeton. É autor de uma obra muito vasta, da qual destacamos *As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo* (2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000); *A economia como ciência moral e política* (São Paulo: Brasiliense, 1986); e *A moral secreta do economista* (São Paulo: Unesp, 2000). (Nota da IHU On-Line)

na Colômbia em 1952, como consultor indicado pelo Banco Mundial. Sua estada neste país e suas várias visitas subseqüentes a outros países latino-americanos foram cruciais para balizar sua percepção do processo de desenvolvimento. Como se sabe, a América Latina era, então, um continente predominantemente rural, com poucos países já industrializados, cuja população enfrentava condições sociais precárias. Mas Hirschman e sua família logo se adaptaram à Colômbia e fizeram muitos amigos, não só lá como em vários outros países da América Latina. É preciso acrescentar que a perspectiva geral de Hirschman era otimista quanto à possibilidade de crescimento econômico desses países.

IHU On-Line - Albert Hirschman disse que os países de industrialização tardia deveriam seguir um caminho original. Como a senhora define esse caminho? O Brasil, ao optar pela industrialização para alcançar o desenvolvimento, fez a escolha errada?

Ana Maria Bianchi - Não acho que se possa afirmar que o Brasil errou ao optar pela industrialização - mais precisamente, pela industrialização baseada em substituição de importações. Este era o caminho aberto, àquela altura. Os cepalinos também insistiram nesse ponto, e com razão, vendo esse tipo de industrialização como uma saída para a deterioração dos termos de troca no comércio internacional. Evidentemente, cada período histórico tem suas possibilidades, e esta era uma possibilidade aberta. Havia energia para tal e havia também financiamento externo.

IHU On-Line - Na trilogia de Albert Hirschman sobre

desenvolvimento econômico, quais são os aspectos mais relevantes?

Ana Maria Bianchi - A idéia de que o desenvolvimento industrial deveria proceder amplamente por meio de encadeamentos para trás era revolucionária, na época, pois implicava que um país que quisesse industrializar-se não deveria fazer as coisas da forma convencional. Ao contrário, o desenvolvimento industrial encontraria seu caminho nessa trajetória invertida, e a industrialização de setores líderes arrastaria atrás de si o resto da economia. Nesse sentido, Hirschman considera que haveria uma “virtude criativa” nas próprias tensões e nos próprios desequilíbrios criados pelo processo de desenvolvimento. Ao buscar soluções para esses gargalos, os países de industrialização tardia encontrariam seu próprio caminho.

IHU On-Line - Numa viagem ao Brasil, Hirschman disse que “toda vez que ocorrem mudanças no governo, os intelectuais consideram que está tudo errado e é necessário começar tudo de novo”. Essa observação explica o pouco crescimento e desenvolvimento do País?

Ana Maria Bianchi - Hirschman critica aquilo que chama de “fracasomania” como um traço cultural típico dos latino-americanos. O que quer dizer com isso? Que eles não levam em conta o alcance das mudanças que já estão em curso. Ele comenta que, sem dúvida alguma, a América Latina progrediu muito nas três décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, mas que não há a devida percepção disso. Da minha parte, também não concordo que tenha havido “pouco crescimento e desenvolvimento do País”. É só observar os números. Não se percebe que estamos no melhor dos mundos. Mas precisamos reconhecer os nossos progressos para identificar com mais precisão o muito que ainda nos falta, sobretudo em termos de combate à pobreza e à desigualdade e à educação pública.

IHU On-Line - Que propostas ele sugere para que os países da América Latina consigam alcançar o desenvolvimento?

Ana Maria Bianchi - Curiosamente, embora fosse um consultor econômico, Hirschman não era muito chegado a dar conselhos ou fazer prognósticos. Na verdade, ele achava que os países da América Latina deveriam encontrar seu próprio caminho, e de alguma maneira já estavam fazendo isso. Ele sustenta que sempre se interessou mais em ampliar a área do possível, ou do que pode acontecer, do que em prever, com base em raciocínio estatístico sobre o que iria ocorrer. Além disso, e talvez por causa disso, ele não acreditava em grandes planos de desenvolvimento. Acreditava mais em projetos isolados, que poderiam gerar os tais encadeamentos para outros setores da economia.

IHU On-Line - Qual é a importância de reintegrar a economia à ciência política? Essa é uma prática esquecida?

Ana Maria Bianchi - A ciência econômica, como se sabe, nasceu como economia política. A dimensão política estava, portanto, estreitamente associada a esse campo do conhecimento. Com a revolução marginalista, o adjetivo foi abandonado e a ciência econômica virou “economics”. Mas é evidente que a dimensão política é parte essencial de qualquer estudo econômico. Não só de qualquer estudo como, com mais razão ainda, de qualquer proposta de intervenção na realidade. Não é possível dizer, como se diz às vezes, que uma determinada política econômica está certa do ponto de vista técnico, e que se não deu bons resultados foi por causa dos políticos, que atrapalharam sua implementação. Já dizia Stuart Mill¹ que na passagem da teoria para a arte, o economista que é apenas economista é um péssimo economista!

¹ John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da *IHU On-Line*)